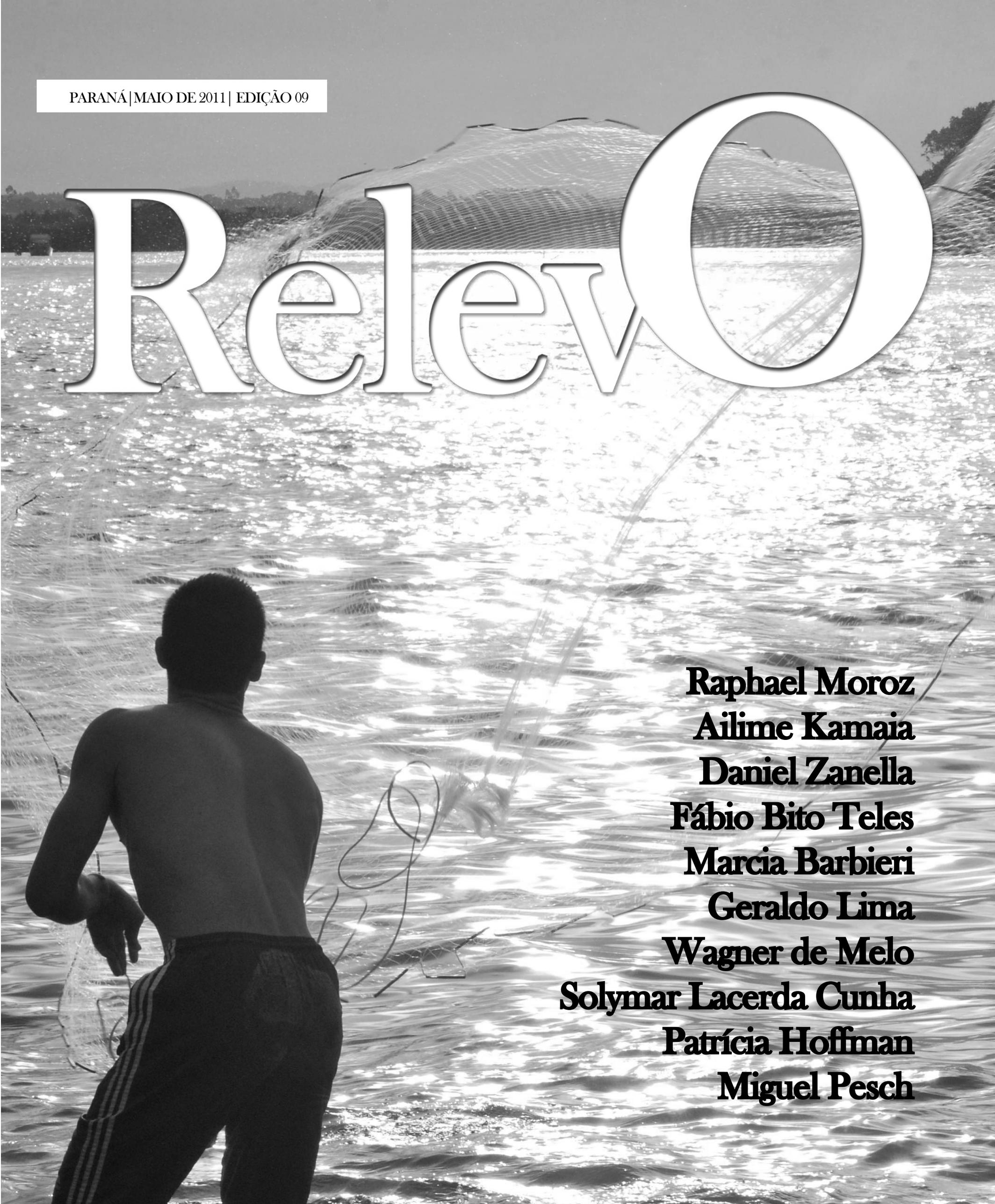


PARANÁ | MAIO DE 2011 | EDIÇÃO 09

Relevo



**Raphael Moroz
Ailime Kamaia
Daniel Zanella
Fábio Bito Teles
Marcia Barbieri
Geraldo Lima
Wagner de Melo
Solymar Lacerda Cunha
Patrícia Hoffman
Miguel Pesch**

Relevo

Editorial

“Existem o Rubem e os imitadores do Rubem, disse Fernando Sabino”.

Otto Lara Resende,
em *Bom dia para nascer*

Em texto célebre, Otto Lara Resende relembra a pergunta feita a Paulo Mendes Campos sobre a crônica, em 1972: ‘A crônica morreu ou está morrendo?’. Campos, à época, disse que o leitor preferia a televisão e outros meios de comunicação.

A discussão não envelheceu, sequer as especulações acerca do que é a crônica em si, gênero tão camaleônico quanto

fronteiriço com outras literaturas.

De fato, a importância das discussões teóricas sobre o que é a crônica é restrita e, de certo modo, leva o gênero para uma seara acadêmica da qual ele não faz questão de pertencer.

A crônica atual é popular, espalhada pelos grandes jornais e revistas, povoando blogs e sites coletivos, explorando novas formas e repercutindo situações pequenas

e decisivas do cotidiano.

É possível dizer que a internet ainda não revelou uma geração de talentosos cronistas, nem está sendo capaz de reinventar o gênero. Não importa. Ao leitor, a cumplicidade, a partilha, o diálogo, o segredo, a fagulha mais ínfima capaz de trazê-lo (e o autor também) para dentro da palavra.

Boa leitura a todos.

“ CANÇÃO DE HOMENS ” E MULHERES LAMENTÁVEIS

Há poucos minutos, em meu quarto, na mais completa escuridão, a carência era tanta que tive de escolher entre morrer e escrever estas coisas. Qualquer das escolhas seria desprezível. Prefiro esta (escrever), uma opção igualmente piegas, igualmente pífia e sentimental, menos espalhafatosa, porém. A morte, mesmo em combate, é burlesca.

Antonio Maria

Colaboradores

Marcos Monteiro

Cursa 3º período de Jornalismo na Universidade Positivo. Publica suas fotografias no endereço flickr.com/marcos_fe e textos no endereço disfim.wordpress.com

Daniel Zanella

Cursa 3º período de Jornalismo na UP. Integra algumas coletâneas por editoras independentes e publica suas crônicas no endereço letrasmuncanto.com.br

Priscila Schip

Cursa 7º período de Jornalismo na UP. É editora do Lona - jornal-laboratório do curso - e publica seus textos no endereço letratracadadas.wordpress.com

Raphael Moroz

Jornalista e produtor audiovisual paranaense. Publica seus textos no endereço retratareviver.wordpress.com

Ailime Kamaia

Cursa 5º período de Jornalismo na UP.

André Ambonatti

Cursa 1º período de Jornalismo na UP.

Miguel Pesch

Curitiba, estudante de Bacharel em Química na UTFPR. Publica seus textos no esmolaliteraria.blogspot.com

Geraldo Lima

Autor de “Baque” (contos, LGE Editora/FAC), A noite dos vagalumes (contos) Nuvem Muda a Todo Instante (infantil) e UM (romance). Publica seus textos no endereço baque-blogdgeraldolima.blogspot.com. É colunista oficial d’O Bule.

Marcia Barbieri

Paulista, formada em Português/Francês pela Unesp, pós-graduanda em Prática de Criação Literária. Tem textos publicados nas revistas literárias Coyote, Cronópios, Germina, Escritoras Suicidas e Meio Tom. Lançou em 2009 o livro de contos “Anéis de Saturno” pelo Clube de Autores. É colunista da revista literária eletrônica Sinestesia Cultural. Publica seus textos no endereço avidanaovaleumconto.blogspot.com. É colunista oficial d’O Bule.

Fábio Bito Teles

Jornalista brasileiro. Publica seus textos no endereço pontape.net/bahia

Wagner de Melo

Escritor curitibano. Trabalha com marketing em rádio FM. Publica seus textos no endereço wagneroliveirademelo.blogspot.com

Solymer Lacerda Cunha

Publica seus textos no endereço solymarte.blogspot.com

Patrícia Hoffmann

Poeta, professora de língua portuguesa e literatura. Publica seus textos no endereço espoliodosol.blogspot.com

✓ Expediente

Edição: Daniel Zanella

Diagramação: Marcos Monteiro e Daniel Zanella

Revisora e Diretora Comercial: Kelly Knopik

Fotógrafo Responsável: Marcos Monteiro

Impressão: Gráfica Helvética

Tiragem: 2000

Edição finalizada em: 05 de maio, 20h

🗨️ Contato

Jornal Relevo no Twitter: www.twitter.com/jornalrelevo

Envie suas crônicas, críticas e sugestões para jornalrelevo@gmail.com



O Relevo, às vezes, não se responsabiliza pelo conteúdo publicado de seus autores.

Segunda-Feira

Daniel Zanella

Segunda-feira. A manhã está curta. São onze horas e estou agora a me levantar da cama dura e sem lençol. Os travesseiros estão velhos e os primeiros passos do dia me causam certo desconforto. Escovar os dentes: desde a janta de ontem na casa dos sogros não escovo meus trinta dentes, cheguei a minha casa beirando meia-noite, não havia nada por comer, ainda que sem a companhia da fome, a geladeira a conter dois potes de margarina, água e um pouco de leite, sendo de bom tom economizar a pasta de dente, presente da semana passada da mulher, fui ler alguns velhos cronistas pra descansar meus vícios, gostaria de uma cerveja gelada, e s-

crevi algumas coisas tacanhas e dormi tarde. Agora é dia, o pescoço parece um pouco inchado no espelho, hora de escovar os dentes.

Molhar a escova na água da pia. A pia está suja porque a empregada não passou esse ano, talvez esteja devendo a última limpeza. Passar a pasta. Esquerda, devagar pra não irritar o siso que resta - estou devendo no dentista, isso é certo - direita, cima, baixo, cuspir, enxugar na toalha de banho. Faz dois meses que não lavo a toalha de banho, uso-a quase todo dia, há dias em que ela não seca direito, já que não tenho varal e não estendo no muro, medo de roubo, deixo-a no box mesmo, não preciso de duas toalhas, contanto que não me roubem a toalha suja. Tem sido um mês quente, mas chove todo dia. Assaltaram o vizinho de novo.

Não tenho medo de roubo. A minha casa abriga pouco lucro, pouca perspectiva. Uma tevê grande e pesada, dois ladrões precisariam levá-la, sob o risco de quebrarem a tela ao passar na porta do quarto, que está torta e fica vergando em momentos impróprios. A geladeira era bege, hoje não sei que denominação revesti-la. Ontem joguei fora um macarrão de um mês, estava com mofo dentro do pote, não cheirou mal porque o cobri com o plástico que uso pra encapar os livros, preferi jogar no terreno baldio com pote, plástico-

co e tudo, fiz outro macarrão há dois dias, ficou ruim, não tinha carne moída, só temperos, foi macarrão no tempero, entretanto, exagerei no cominho.

Cominho, pimenta-do-reino, alho e orégano. Ficou um pouco picante. Lembrei: tinha linguça que sobrou de um churrasco de novembro. Descongelei dez minutos no microondas que a minha mãe me deu quando vim morar sozinho. Um microondas sublime, nunca deu defeito, há seis anos combatendo a fome madrugueira, ficaria chateado se levassem o microondas, duas coisas: não levem o livro do Pierre Verger.

Livros. Vendo-os com duvidosa galhardia. Deveria fazer outra coisa, mas também não sei. Já trabalhei como vendedor de publicidade de jornais. Distribuo jornais e revistas também, que é a mesma coisa de vender livros e mentir nos periódicos, os jornais estão encolhendo, os donos da imprensa dessa cidade ainda não entenderam: o segredo está na máquina de interpretar.

Estou a ler que uma moça judia foi espancada na França por um grupo de negros no metrô. Ninguém fez nada, segundo o noticiário. Ninguém moveu um músculo pela moça, que teve o rosto desfigurado. Marcaram uma suástica à faca. Terminei de ler: a moça se cortou sozinha, simulou a agressão pra modo de chamar a atenção do ex-namorado. Não era muito fácil aos editores imaginarem que se não houve nenhuma iniciativa dos transeuntes do metrô em impedir a agressão da moça é porque não tivesse ocorrido nenhuma agressão.

Decorrente: foi a primeira palavra que meu pai disse não existir. Outras não existem também. Por exemplo, espelho. Aqui na sala de casa não há espelho,

portanto, estou diante da constatação que a tevê está a dizer repetidamente. Se não me vejo, não existo.

Segunda-feira. Saio do banho, a toalha não está secando direito, vou vestir a mesma camiseta de ontem, o mesmo sapato de todos os dias. Ontem assisti um filme, não assisti muitos esse ano, deveria tentar escrever sobre filmes, talvez, era um grande filme, um desses filmes com gente que dilacera a si mesmo, deveria pensar em ganhar algum trocado com esse negócio de escrever, mas o que escrevo outro disse e melhor, isso em tempos mais auspiciosos, acabou o leite, dá pra colocar um pouco de água da torneira pra render mais um copo, não tenho planejamento nenhum pra hoje, nem hoje nem nos últimos sete anos, tenho que por minha máquina pessoal de interpretar pra funcionar, antes que seja tarde, antes que os editoriais me deem algum sentido, editoriais que escrevo de graça, vou ler as revistas antigas do Casseta Popular, gostaria de ter a camiseta Vá Ao Teatro, Mas Não Me Chame, eles vendiam as camisetas por correio, enviar cheque nominal ou cruzados pra Rua Carmo Neto, 76, Cidade Nova, Rio de Janeiro, só que não sei o que fazer de mim.

Estou a encerrar a última crônica, a primeira da semana, fiz as revisões que a praxe enguiçada dos metódicos me reserva, sempre quis incluir a palavra enguiçar em algum texto aleatório, pior que isso não fica, não se preocupem, ainda estou sem saber qual a motivação que me leva a acreditar que devo acreditar na literatura. Deve ser porque meu maior temor é a cegueira ou porque ainda não consegui utilizar a palavra quiçá. E muitas outras.

Acabou o leite. Tem um pouco de macarrão pro almoço.

Quiçá, é segunda-feira.



EXATO
CENTRO EDUCACIONAL

Pré-vestibular e Enem - Ensino Superior Curso Técnico
Preparatório - Graduação Pós-Graduação
Aprendizagem Empresarial e Industrial

Fone: (41) **3552-1542 / 3552-5895**

Olhares Suspensos

Ailime Kamaia

Nos olhamos. A aproximação é imediata e inevitável. Quando percebo, nossos corpos já estão numa distância indecorosa. Sinto toda a tensão do momento quando nossos olhos voltam a se encontrar. O dia não está quente, mas sinto ondas de calor. Seca, é assim que minha boca está. Estamos tão perto, parecemos contrariar a lei da Física. Agora ocupamos o mesmo espaço.

Olho para os lados, para baixo, para trás, para o céu, só não consigo voltar a encarar aquele olhar. Nossos corpos colidem, se tocam e voltam a se distanciar. E entre nós dois, o silêncio. A energia é tanta que a fala se faz dispensável. Tento interromper o momento, quebrar o que nos mantém tão próximos. Não consigo. Mil assuntos passam pela minha cabeça, quero falar algo. Esforço em vão, não existe o que falar. Mais silêncio. Mais toques. Há um ritmo que não se pode impedir, nossos corpos se afastam e se aproximam seguindo este compasso.

Decisão: me afasto ou o agarro! Me afasto. E volto a me chocar em seu corpo. Sim, é realmente inútil tentar a separação. Me convenço, devemos ficar assim, até o fim. Tento me movimentar, minhas mãos tocam as suas. Volto a me

mexer, meu joelho bate em sua perna. Desisto, ficarei imóvel!

Uma novidade, sinto a presença de outro corpo. Me viro e confiro uma mulher estonteante. Ela se coloca entre nós. Me sinto traída. Quero sair dali, não vou ser testemunha disso. Mas ir pra onde? Não há pra onde ir. Se não há como fugir, vou medir minha oponente. Da cabeça aos pés a reviro com o olhar. Noto que sua camisa está amarrotada, a tintura de cabelo está desbotando e o comprimento de sua saia não parece "adequado". Volto a me sentir superior. De novo sou a fêmea alfa do bando. Bando? Só agora percebo que há um bando a nossa volta, ameaçando minha soberania.

É hora de concentrar minhas atenções no alvo, nem preciso fazer muito esforço e já estamos nos aproximando novamente. Como numa mágica ou no final feliz de um conto de fadas, a minha principal oponente desaparece. Sei que a distância que nos separa é tão pequena que ele não pode pensar em outra pessoa a não ser em mim. Quase fecho os meus braços em torno do seu corpo, quase o tomo pra mim. Não quero parecer insegura, nem agressiva demais. É preciso paciência, progredir pouco a

Andre Ambonatti



pouco, mas nesse bailado de passos lentos não saio do lugar.

"Me afasto ou o agarro?" Nada, não faço nada. Não há espaço para ações, minhas decisões de nada valem. Sinto que as minhas interrogações são as dele também. Um olhar. Sinto os olhos dele comendo os meus, suas mãos se aproximam das minhas, seu corpo cada vez mais perto do meu... Uma força abrupta

nos separa. Como se estivéssemos no meio de uma manada desembestada já não há mais o que fazer. Uma parede de vidro entre nós. Suspiro ao ver a distância aumentar. "Próxima parada estação Praça Rui Barbosa". É. Acaba assim mais um dos meus amores passageiros, às seis da tarde de uma quinta-feira ensolarada.

Angústia

Miguel Pesch

Um peso, um quilo, ou dois. Um tanto, sem cor, nem forma. Uma pedra, nem grande, nem pequena. Um susto incubado, uma réstia de ar. Lampejo. Os olhos, estatelados, se prendem na tentativa de fuga sem saída. A voz, calada, se enrola e como bola de neve que vira avalanche, engasga. E o coração se aperta e continua a bater, fraquinho, pra dentro e pra dentro até que um dia se torne livre, somente um sopro.

Andre Ambonatti



Panapanã

Geraldo Lima

– É panapanã! – exclamou meu filho, olhando através do vidro da janela.

– Panapanã? – indaguei, sem atinar com o sentido da coisa.

–É, pai, panapanã é o coletivo de borboleta – esclareceu-me ele, sem arredar os olhos do bando de borboletas migratórias.

Com tantos coletivos para memorizar, fui me esquecer exatamente deste: panapanã! Ou panapaná, como prefere o Aurélio. Mas há controvérsias: para alguns esse termo não designa exatamente o coletivo de borboleta, sendo apenas um termo de origem indígena (tupi-guarani) que nomeia uma grande quantidade de borboletas em processo de migração. Que seja assim. Porém, melhor do que perder tempo com essa discussão é ganhar o dia em frente à janela assistindo a mais um espetáculo da natureza.

E que espetáculo!

Ficamos ali, pai, mãe e filho, arrebatados pelo desfile das borboletas amarelas. Algo raro de se ver em meio à agitação urbana. Uma imagem capaz de nos afastar da rotina e nos mergulhar na fantasia e no sonho.

A manhã de domingo estava começando com um espetáculo de tirar o fôlego, algo

digno de ser apresentado no Fantástico mais à noite. No caso, as borboletas amarelas que brotavam de todos os lados, que surgiam às centenas, aos milhares!, como se um mágico sacasse da cartola aquela infinidade de lepidópteros. Algumas duplas passavam rente à nossa janela, outras iam longe, num vôo cheio de ziguezagues. Iam em direção ao leste. Para onde, exatamente? Talvez até algum rio próximo a Planaltina. Mas quem sabe o seu destino estivesse a quilômetros daqui, em Minas Gerais, por exemplo. Há espécies de borboletas que voam longe, quilômetros e quilômetros até chegarem aos locais de recolhimento. É o caso da monarca da América do Norte. Ela voa até 4.830 km, do Norte para o Sul, no outono, para chegar ao local onde passará o inverno. Voam 2000 milhas do Canadá ao centro do México. E se preciso for, vão mais longe ainda.

Olhando assim, esses seres tão frágeis, parece impossível que sejam capazes de aventura tão radical, mas é a mais pura verdade. Creditemos isso aos muitos mistérios da Mãe Natureza que escapam à nossa compreensão, por mais que nos cerquemos de ciência e arrogância.

Do meu corpo Comerás

Marcia Barbieri

O tempo passa e sempre criamos novas combinações binárias, que nada explicam, mas que distraem nossos pesadelos. Somos picados eternamente pelas mesmas cobras, insistimos, beijamos a sua boca, extraímos seu veneno e dormimos enrolados em sua cauda, à espera da troca de sua pele. Um mesmo homem em um terno novo. Nas mãos ramalhetes de flores, não para reverenciar, é a cobrança dos mortos do dia anterior. Velórios e nascimentos todos os dias nas xícaras da mesa nunca posta. Apenas os amantes usam bandejas e geléias. Nós, cremes de barbear, aparelhos e toalhas molhadas. Controles remotos, porque uma hora é preciso se desligar de nossas paranóias, amar menos, se doar mais. Viajar ao redor de nós e descobrir que esquecemos um pensamento, um absurdo no bolso do outro, essas insignificâncias tão urgentes que os outros, o outro não percebe, jogam fora. Bilhetes e passagens de dois anos atrás. É o antigo costume de colecionar porcarias. Passo no meio-fio e recolho um braço esqueci-

do do último abraço. Pensei em abaixar, mas que utilidade teria um carinho que se foi? Não sei, combinações binárias me fascinam, embora não as entenda. Vasos artificiais, você sabia da minha dificuldade em administrar pequenos seres vivos, sempre tão cheio de exigências! Gosto dos cactos, eles compreendem meu descuido e eu compreendo os seus espinhos cutucando a minha dor. Surpreendo-te com futilidades no meio da vida e você tão trágico, peças em três atos. Matematicamente incorreto, correndo sobre os fios de eletricidade. Nossos rostos nas pequenas poças de água do quintal. Envelhecemos. Amamos e envelhecemos, paixões furtivas aparecerão e eu perdorei teu romantismo. Afinal, já somos tão parecidos que devorar um ao outro é estranho, é narcisismo, é canibalismo. Então, vamos caminhar, porque entre as pedras aparecerão alguns pássaros que farão parecer que o caminho é fácil, não se engane, eles logo passaram, eles sempre passam... No final, tudo é uma ridícula e necessária combinação binária.



André Ambonatti

Acesse o-bule.com

Bora Bahêa!

Fábio Bito Teles

Torcedor é um ser otimista. O torcedor tipo, quero dizer. Aquele que veste a camisa todo domingo e sai pro estádio sem se importar com o adversário, com quem estará em campo pelo seu time, muito menos em que divisão o time dele está.

E é esse tipo de gente que faz o futebol ser uma coisa incrível de se ver. Quem já ouviu Binha, torcedor símbolo do Bahia, dizer que o tricolor é maior que Barcelona, Real Madrid, Inter de Milão, Manchester United e o escambau sabe do que eu to falando.

Às vezes fico me perguntando de onde vem tanta esperança. Que lógica própria é essa do torcedor de futebol que acha que naquele domingo tudo será diferente. O que faz um torcedor do Corinthians acreditar que, dessa vez, o time vai longe na Libertadores. Ou o torcedor do Botafogo achar que, agora sim, o juiz não vai aprontar uma e o time vai ficar no meio do caminho chorando. Deu pra entender?

Esse eterno otimista, o torcedor. O escritor inglês Samuel Johnson cunhou uma célebre frase, repetida tantas vezes em mesas de bar: o segundo casamento é o triunfo da esperança sobre a experiência. E o que falar do terceiro, quarto ou quinto casamentos? Haja Tolima!

Sou bem casado, é verdade, mas entendo qual o X da questão. O que faz um cara que fracassou numa ou em várias relações achar que, daquela vez, sim, daquela vez vai?



André Ambonatti

É mais ou menos assim que o torcedor do Bahia vai a Pituacu neste domingo, para enfrentar o Vitória pela semifinal do Campeonato Baiano. Cheio de esperança, apesar da experiência.

São 10 anos sem conquistar um título. Uma freguesia que incomoda e, sempre, ou quase sempre, na verdade, tem o mesmo enredo. O tricolor chega para o confronto sem a vantagem em campo, com o retrospecto recente desfavorável, mas ainda cheio de história pra contar. Em casa, no primeiro jogo, perde por 1×0, 2×1, e aí vai ter que fazer das tripas coração para reverter o resultado no Barradão. Chegando lá, joga como nos velhos tempos, domina a partida, deixa o leão acuado, mas precisava de dois gols de diferença. A vitória por 1×0, 2×1, 3×2 não é suficiente o título continua com o adversário.

Sou do tempo em que o Bahia ainda ganhava Campeonato Baiano, ou melhor, do tempo em que o Bahia ainda ganhava campeonato. Tempo em que segunda-feira era dia de vestir orgulhoso o manto tricolor e tirar um sarro dos sofreadores rubro-negros. Foi esse Bahia que aprendi a amar e é por ele que eu ia à Fonte Nova e vou para Pituacu.

Mas vestir azul-vermelhor-e-branco nesse domingo é como engomar aquele belo terno para casar-se novamente. Cheio de esperança, apesar da experiência.

Bora Bahêa!

Angústia de Um Tabagista

Wagner de Melo

Preciso de um cigarro, nenhuma companhia me seria mais agradável nesse momento que um cigarro, é madrugada e uma chuva torrencial desaba lá fora, aqui dentro a insônia torna a falta de cigarros mais angustiante ainda, eu até sairia na chuva pra comprá-los, mas não tem nada aberto nessa praia fora de mão e isolada pelas chuvas, ninguém entra, ninguém sai, assim determinou a natureza, já começa faltar alimentos, combustível, dentre outras coisas mais; meu deus! Isso está começando a me assombrar, e se faltar cigarros? Não, jamais, cigarros não vão faltar, sempre tem aqueles contrabandeados do Paraguai, não, não pode faltar cigarros, posso agüentar até amanhã, fico aqui acordado

andando pela casa, me distraindo hora com a TV, hora com um livro. Deito, tento dormir, me masturbo, cochilo um pouco, logo acordo, esses pernilongos zumbindo no meu ouvido. Reviro o lixo, duas ou três bitucas rendem um enroladinho fumável; calma... Mas é por pouco tempo, agora sim bate o desespero, não há mais nada pra fumar mesmo, e se eu ligasse pra alguém, como? O telefone está mudo, e além do mais não conheço ninguém nessa cidade... "Maldita hora em que resolvi vir pra cá." - Adeus pessoal! Fiquem aí nesse inferno de cidade grande, eu vou pra praia curtir o ar puro, ver as meninhas de biquíni e descansar... hahahah se deu mal idiota! Nesse momento eles devem

estar bebendo em algum lugar, rodeados de meninas e fumando, ah fumando, como eu queria um cigarro, os malditos devem estar rindo da minha cara nessa hora. Vontade de beber aquela cachaça que tá na geladeira, tomar um porre desses de acordar sem saber como veio parar ali, e se não tiver mais cigarro na cidade? As rodovias estão interditas, pode muito bem faltar, no barzinho aqui perto já não tem mais, lembra ontem que tive que buscar lá na avenida? Melhor não beber, imagina acordar de ressaca e não ter um cigarrinho pra rebater. Deveria ter me prevenido, comprado de pacote quando vi a notícia na TV; não! Amanhã eu compro dois, dois não, três pacotes pra garantir,

saber lá quando as rodovias serão liberadas; mas e se o cartão não passar, será que tem dinheiro no caixa eletrônico? E no banco? Jesus eu não pensei nisso, ah que vontade de fumar, tem uma menina de catorze anos fumando no filme, desligo a TV, no romance que estou lendo acendem um cigarro em nome de tudo que deveria ser feito, maldito seja o fumante que escreveu esse livro, beat filho da puta! Eu só quero um cigarrinho, assim que eu conseguir um cigarro será o último, e a última vez que eu me permito ficar sem, comprarei um maço pra vilipendiar, mostrar o quão mais forte eu sou até a próxima chance.

Amém.

Mudar É Viver

Raphael Moroz

Priscila Schip



Assim que cheguei, percebi: o portão havia mudado de cor e tamanho. Não era mais vermelho, e havia crescido um bocado. Segundo os meus avôs, a decisão foi uma medida de segurança. Hoje em dia, portão alto é o requisito mínimo para proteger uma casa dos perigos da modernidade.

O portão mudou, como mudamos todos. Na época em que minha mãe e meus tios não tinham mais do que um metro de altura, era bege, apagado. Anos depois – vestido de vermelho – ele observou de perto as invenções de quatro crianças unidas pelo parentesco e pela imaginação fértil. Imaginação essa que pregava que a casa da vó podia ser tudo – cenário de filme, cidade e até pista de corrida – menos a casa da vó.

Com o cessar das gritarias e aventuras radicais, o portão passou a ter função de – pasmem! – portão. Quando os adolescentes resolviam dar uma passada na casa dos velhos, ele os acolhia de braços abertos. Quando saíam – depois de visitas cada vez mais rápidas – se despedia timidamente.

Hoje mal os vê. E quando os vê, estão acompanhados de outras pessoas. Não são mais só os quatro. Agora são seis, oito, e se organizam em pares. “É a idade”, diz a vó. E é mesmo. Se ela não voasse, não haveria sequer uma lembrança do tempo em que a vida era mais feliz porque passávamos as férias na casa do portão vermelho.

Solymar Lacerda Cunha

Tempestade Inspiração Fazer Poético Artístico

Estou almoçando no Flor de Lótus, preocupado com meu chover.

Primeiro, porque preciso comer e não consigo comer e conter todo meu chover.

Segundo, que com essa torrente saindo de mim posso inundar o local, então posso atrapalhar o almoço dos outros.

Vivo um momento assustador, não paro de chover.

Chovo o dia inteiro, acordado, dormindo, treinando, trabalhando em qualquer situação.

E pior, tudo que chovo é multicolor, ainda em forma líquida mas com texturas curiosas.

Agora levo comigo recipientes, materiais, diversos: vasilhas, bacias, rodos, funis, barris, estacas, sacos de areia, tijolos, cimento, tudo que possibilite represar e guardar esse temporal que me assola.

Com a ameaça de falta de água para a humanidade e para Brasília, sinto grande responsabilidade em não perder esse líquido precioso.

Tenho medo dele faltar um dia!

A Escolha

Patrícia Hoffmann

André Ambonatti



Sempre fui dada a alçapões. Desde as fronteiras da infância eu atravessava precipícios sobre um velho e comprido tronco de árvore. Às vezes, olhava para baixo. Era sempre uma escolha entre o riacho de pedra e o outro lado: o lado final de onde os amigos da escola gritavam:

“Volta! Olha para a frente e volta!”.

Eu sabia que toda a dimensão do que estava lá embaixo, o riacho, as pedras, os rios, jamais me perdoariam.

Shopping Araucater
 Av. Victor do Amaral | 1020 | Centro | Araucária | PR
 Atendimento das 8h às 20h - sáb. até às 17h

CAFÉ DUETTO
 O melhor do café brasileiro
 41 3642 3344

SIBELE MODAS
 Moda Masculina, feminina e infantil
 Bijuterias e Acessórios

Zanella

* Jornais * Revistas * Livros * Recargas de Celular
 * Artigos para decoração do lar
 * Brinquedos, perfumaria e eletrodomésticos **3048-0846**

Rua Gralha Azul, 269, Jardim Industrial
 próximo ao Supermercado Supra - Araucária